

ALDO VANNUCCHI (*)

O

PROBLEMA DO SER

EM

"A HORA DA ESTRELA "

ABSTRACT

The Author shows a critical reading about the novel "A Hora da Estrela" that will reveal not only a metaphysical density of the book as well a surprising ontological optimism.

RESUMO

O Autor mostra que uma leitura crítica de "A Hora da Estrela" revelará não só a densidade metafísica do livro, como também um surpreendente otimismo ontológico.

(*) **Aldo Vannucchi** é professor de Filosofia Geral: Problemas Metafísicos, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

**"Foi sempre, é agora e será sempre para o futuro
objeto de investigação e perplexidade saber o
que é ser"**

Aristóteles (Metafísica, Livro 7º, 1028b)

Pouca gente se mostrará disposta a conversar sobre o problema do Ser, se colocado em termos acadêmicos de metafísica e ontologia. Apresentado, porém, na roupagem direta e universal da realidade que cada um de nós é e vivencia, ele não só pode interessar como, de fato, nos ocupa a todos, indistintamente, com incrível força e irresistibilidade.

Em termos simples, o Ser é a Realidade ou isso tudo que eu sou e que você é, como é também tudo isso que não é a gente, mas existe também com/para/contra a gente: terra e céu, água e fogo, cidade e campo, animais e vegetais, trabalho e descanso, palavras e pensamentos, qualidades e relações, vida e morte, dinheiro e desemprego, amor e sonho...

Diante disso tudo ou diante desse todo que a Filosofia chama de Ser que se manifesta em seres e o linguajar comum rótula de realidade, quem não gostaria de dizer a sua palavra, ou seja, a sua experiência?

Quando, pois, em instância filosófica, se lança a pergunta - O que é o Ser? O que é um ser? - a interrogação não é supérflua nem bizantina, porque a todo momento estamos às voltas com essa realidade. Cada um de nós tem total certeza de que é um ser (humano), circundado de milhares de outros... O ser impregna todas as coisas e não é esgotado por nenhuma. Dentro da totalidade do universo, por ele é que se mantém a unidade da diversidade e a diversidade dentro da unidade. Sob a indefinida multiplicidade de seres ou entes, lateja a unidade absoluta do Ser. Estamos falando do Ser, substantivo com esse maiúsculo, substantivo abstrato mas real, aliás, a realidade primeira de

tudo, de todos os seres...

Quando falamos do Ser, não o captamos. Ele é anterior e superior a qualquer sujeito pensante. Eu não sou o Ser, mas apenas um ser. Por isso, quando discorremos sobre o Ser, estamos apenas fixando um momento ou determinada apresentação do Ser. Essa experiência, frustrante e desafiadora ao mesmo tempo, podemos vivê-la a partir de qualquer realidade. A Filosofia Grega principiou pela admiração e pela surpresa, em face das maravilhas do universo visível e dos mistérios da vida e da morte. Já a Filosofia Contemporânea parte da angústia, essa consciência que o homem curte de ser finito e efêmero, atormentado ao mesmo tempo pelo desejo do infinito e da eternidade.

Toda pessoa pode, pela reflexão filosófica, ter experiência do Ser e a partir de qualquer situação ou realidade.(1)

Não será, portanto, privativa do filósofo profissional a problematização do Ser. Topa-se com ela, por exemplo, e com muita frequência, na Literatura também. No caso brasileiro, é só lembrar Machado de Assis, Guimarães Rosa, Drummond, Cabral de Melo Neto e, de maneira muito própria, Clarice Lispector, de quem nos ocuparemos aqui.

Toda a obra de Clarice (mais de vinte livros: romances, contos, crônicas...) é criação de arte e de ficção e não ensaio filosófico, mas o problema ontológico é o cerne dela. Clarice escreve sempre a partir do enfoque do não-ser, na procura do Ser. Exemplicação típica e até didática desse itinerário-programa encontramos no último livro que publicou em vida - "A Hora da Estrela".

(1) Vannucchi, Aldo - "Filosofia e Ciências Humanas", 2ª ed., SP, Loyola, 1979, pág.43-45).

"A Hora da Estrela" (2)

"Transgredir...os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa" (p.22).

Como Macabéa e como todos os personagens de sua obra, Clarice Lispector vive mais de sensações intimistas do que de ações e fatos trabalhados. Obsess^o sionada pelo indizível, vive tateando o seu denso mun^o do de indagações metafísicas: "enquanto eu tiver per^guntas e não houver resposta continuarei a escrever" (p.15). Por que vivo? Qual a posição do ser humano nesse universo onde ele poderia não ser, já que "exis^tir não é lógico"? (p.26).

Explica-se assim muito normalmente a trama e a construção desse romance de Clarice: "É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o senti^mento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Tam^bém sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe" (p.17).

Desse relance, dessa intuição fundante jorram as cento e poucas páginas de uma novela ou "história em t^ecnicolor" (p.8), onde ela consegue "tirar ouro do carvão" (p.21), num livro que "é feito sem palavras (como)...uma fotografia muda...um silêncio...uma per^gunta" (p.21). Uma interminável pergunta, arremat^a Eduardo Portella, prefaciando-o. Uma interminável pergunta sobre o Ser, acrescentamos.

Leitores apressados classificam Clarice de pes^simista e triste. Não conseguem decodificar a arte e o jeito com que ela grita pelo Ser, alevantando o

(2) Citações, neste artigo, com base na 6ª edição, Rio de Janeiro, J.Olympio, 1981, 104 pág.

Nada. Se, na "dedicatória do autor", ela sustenta que escreve "sem palavras e sobre o nada", o que lhe importa frisar é que - neste como nos demais livros seus - não é a mórbida sensibilidade para o não-ser que a subjuga e arrasta, mas a busca irrecusável e penosa da totalidade e do indizível: "não se conta tudo porque tudo é um oco nada" (p.76).

O Ser e o não-ser de Macabéa

"Acabo de descobrir que para ela...também a realidade de era muito pouco. Dava-se melhor com um irreal cotidiano...o vago era o seu mundo..." (p.43).

"Com começo, meio e gran finale seguido de silêncio e de chuva caindo" (p.17), "A Hora da Estrela" conta com uns sete personagens, dos quais, a rigor, o mais presente é a própria autora, contracenando o tempo todo com a anti-personagem Macabéa, 19 anos, alagana, vinda ao Rio de Janeiro para ganhar menos que salário mínimo, nascida "de uma vaga idéia qualquer dos pais famintos...fruto do cruzamento de o que com o que" (p.70).

Em pincelada de mestre, Clarice define a nordestina como alguém que vivia "representando com obediência o papel de ser" (p.45). Por essa pista, seguiremos aqui, tentando captar como o problema do Ser per passa essa obra de ficção.

O primeiro aspecto a se observar é a negatividade paradigmática terrível da jovem amarelada, raquítica, pulmões frágeis, (há quase um ano resfriada), magricela, ombros curvos, cabeça baixa, corpo cariado, gasta até a última lona e quase sem seio. Não parecia ter sangue. Vivia na fome, na grande fome, muda, calada por não ter o que dizer, feiura e anonimato total.

De aparência assexuada, ela e Olímpico, o namorado, pouca sombra faziam no chão, como seres meio abstratos, sentados no que é de graça: banco de praça

pública, nada os distinguindo do resto do nada!

A moça era uma vozezinha, uma enjeitadinha, órfã, perdida na multidão, inconsciente de sua mulherice, braços vazios sem abraço e até habituada a se esquecer de si mesma. Era-lhe a vida tão insossa que nem pão velho sem manteiga.

Como poderia acender nela a coragem de ter esperança? Vivia apenas na saudade de uma infância sem bola nem boneca, saudade do que poderia ter sido e nunca foi.

Só com terceiro ano primário, péssima datilógrafa, incompetente para a vida, sentia-se, numa sociedade técnica, um parafuso dispensável. Com sua cara de tola, rosto que pedia tapa, nunca entendia tudo muito bem. Voz crua e desafinada como ela mesma, não fazia perguntas e o seu diálogo era sempre oco.

Vivia num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Era que nem café frio ou um fantasma, subterrânea e sem encanto, alma rala, tão vazia de ser que até doía por dentro.

Seus dias equivaliam a uma longa meditação sobre o nada. E como não o seria, se o seu não saber de si mesma era parte integrante de sua vida?

Se algum leitor perguntar à autora por que esse se tristíssimo e arrasador retrato psicossomático de Macabéa, a resposta será dura e direta: é para "que ele se embeba da jovem assim como um pano de chão todo encharcado. A moça é uma verdade da qual eu não queria saber" (p.48).

Daí o segundo aspecto da narrativa a merecer especial destaque numa reflexão filosófica: a percepção do nada como encaminhamento dialético do problema do Ser.

Popper escreveu "que a ciência começa e termina com problemas" O mesmo deve ser afirmado, em última análise, de toda trajetória humana. E ninguém sabe melhor pintá-la que o artista. Donde a força peculiar de um romance, aparentemente menor, como "A Hora da Estrela". Recoloca-se aí, em moldura de ficção literária

rária, o eterno problema do Ser, a partir da empiria dolorosa de uma existência embotada, para não dizer abortada mesmo.

Ora, ninguém levanta um problema por ele mesmo, senão para resolvê-lo ou porque acredita poder de algum modo resolvê-lo. Clarice Lispector o comprova. Com verbo nervoso e sofrido, outra coisa não faz senão narrar o vivido, "história verdadeira embora inventada" (p.16), numa tentativa experimental e provisória de solucionar a questão permanente do Ser, biografando-o, paradoxalmente, pelo não-ser de Macabéa.

Não vai nisso tudo nenhum sadomasoquismo da autora. Ela ama perdidamente a sua personagem e a quer feliz e realizada: "Ah pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa quente, um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer que quando ela acordasse encontrasse simplesmente o luxo de viver" (p.71).

Na verdade, Clarice tudo faz para negar a negatividade da nordestina, precisamente porque lhe deseja, dialeticamente, afirmar a existência, tornando nítido o que está quase apagado e mal se vê, no esforço de, "com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama" (p.24).

Quem garante que o nada é necessariamente negativo? "O vazio tem o valor e a semelhança do pleno" (p.19). Num mundo entretecido não de seres acabados, mas de processos sem fim, o futuro não paralisa nos fracassos nem entra em colapso com episódicos retrocessos. Tudo palpita em movimento. E a própria Maca, reduzida a "simples matéria vivente em sua forma primária" (p.48), abriga ainda em si mesma a flama inapagável do Ser: um sopro de vida.

Assim, o que importa perceber nessa história que "acontece em estado de emergência e de calamidade pública" (p.8), é que ela constitui um processo em curso que não se pode livremente inventar, "uma oculta linha fatal" (p.26), em que se dará, um dia, o salto qualitativo - a "explosão", segundo o termo preferi

do de Clarice. Qual, porém, o motor dessa passagem do não-ser para o Ser? Como acontecerá esse salto-exploração para a "A Hora da Estrela"? Esse o terceiro aspecto a considerar aqui.

Ensinam os dialéticos, de Heráclito a Lênin, que tudo, na natureza, envolve contradições internas, porque tudo tem um lado positivo e um lado negativo, um passado e um futuro, elementos perecíveis e elementos em evolução: a luta desses contrários gera a conversão das mudanças quantitativas em mudanças qualitativas.

Onde fremir uma contradição, aí vibra a promessa de algo novo: a plantinha só desabrocha com a morte da semente. Assim, no final da história, ao deixar a casa da cartomante enxundiosa, Macabéa, sentiu que a sua vida já estava mudada. Era outra pessoa, grávida de futuro. Não era mais ela mesma.

E não se diga que tudo não passou, afinal, de sonho e ilusão, logo engulidos pelo Mercedes amarelo que a pegou desatenta, no beco escuro de paralelepípedos sujos. Não. Idiota ela não era. Jamais se acomodara com o passado infeliz e com o presente miserável. Soberava-lhe sensibilidade para concluir, ouvindo "Única Furtiva Lacrima", que há outros modos de viver mais delicados e saborosos que o seu. O salário magro e o quarto de aluguel, na áspera e abafada rua do Acre, não conseguiram matá-la por dentro: "tinha pensamentos gratuitos e soltos porque embora à toa possuía muita liberdade interior" (p.86). Por estranho que pareça, ela ainda acreditava no Ser: "tinha em si mesma uma certa flor fresca" (p.48). Sem esquecer que, por dentro dessa exígua criatura, pulsava também o apelo forte do sexo, "única marca veemente de sua existência" (p.84).

Tantos contrastes não lhe permitiam o luxo do não-ser. Como os dias englobam a noite e a luz, assim a existência de Maca também se desenvolvia graças à unidade de todas as contradições. Tanto que Clarice admite, no epílogo: "eu poderia deixá-la na rua e

simplesmente não acabar a história. Mas não: irei onde o ar termina, irei até onde a grande ventania se solta uivando, irei até onde o vácuo faz uma curva, irei até aonde meu fôlego me levar" (p.100). E, sempre enfeitiçada pelo problema ontológico, descreve ainda a pobrezinha, caída na rua, abraçada a si mesma, em posição fetal, "com vontade do doce nada", mas agarada sempre a um fiapo de consciência, a repetir mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou.

Conclusão : Prenúncio e Denúncia

"Até no capim vagabundo há desejo de sol" (p.35).

O atributo essencial do Ser é ser ele mesmo, dando-se ou revelando-se a nós como "a-létheia", não esquecimento, isto é, não ocultação. Essa, a nosso ver, a proposta positiva de Clarice Lispector em "A Hora da Estrela".

Numa leitura corrida e acrítica, parece precisamente o oposto o dia-a-dia de Macabéa: o velamento progressivo e sem volta da ipseidade ferida. Contudo, se a tentativa que fizemos neste ensaio convenceu o leitor, o produto final destas reflexões só leva a ressaltar nessa obra, apesar de tudo, um surpreendente otimismo ontológico.

Na verdade, Clarice se superou nesse livro. Mortalmente enferma, ela ainda assim conseguiu conceber e gerar uma anti-heroína mais feliz que a sua própria criadora. E o fez, porque só ela a via encantadora, só ela a amava a ponto de sofrer por ela. Assim se explica a positividade metafísica, do começo ao fim, de um romance cuja primeira frase é "tudo começou com um sim" e cuja última palavra soa simplesmente "sim"!

Na realidade, o não-ser desse subproduto humano, batizado como Macabéa, designa para Clarice qualquer coisa de aurora metafísica, ou seja, prenuncia o Ser. Tudo, no romance, converge para o instante de glória, para o futuro esplendoroso: "estou contente com essa possibilidade e farei tudo para que esta se torne real" (p.38). Esse o compromisso da autora: "a criação de uma pessoa inteira" (p.24).

Bem antes do desenlace, ela já nos advertira: "prefiro a verdade que há no prenúncio" (p.37). Fiel a essa atitude, até mesmo quando a alagoana sonhadora agoniza, junto à sarjeta, a sua "pequena mortezinha", a autora insiste em que o momento não é terminal mas de abertura e transcendência, "pois Macabéa está por enquanto solta no acaso como a porta balançando ao vento no infinito" (p.100).

Ninguém se iluda, porém, com essa quase lírica adoração de Clarice pela ex-futura deusa do cinema. "A Hora da Estrela" marca enérgica distância de qualquer pieguismo. O que ela pretende é justamente o contrário: denunciar o mistério do Ser naquela mocinha que, ingenuamente, queria ter sido Greta Garbo e, mais ainda, Marylin Monroe e sequer chegou a ser tratada como gente. Disso a romancista tem plena consciência: "através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida" (p.41).

Aliás, nada esclarece melhor esse projeto denunciatório do que os doze outros títulos alternativos que, torturadamente hesitante, Clarice antepõe à narrativa. Para a maioria, a orientação de vida, "quanto ao futuro" da pobre moça explorada é "ela que se arrange". Para Clarice, não: se "ela não sabe gritar", a autora lhe ensina "o direito ao grito".

Se ela expõe o "registro dos fatos antecedentes" à morte de Macabéa, não é para ficar no "eu não posso fazer nada", nem para despejar uma "história lacrimogênica de cordel" ou o "lamento de um blue" e muito menos para entreabrir uma covarde "saída discreta

pela porta dos fundos". Não. Clarice acentua clara e cortante: "A culpa é minha" se esse drama injeta na gente "uma sensação de perda".

Por isso, concluimos nós, bendito seja esse "asovio do vento escuro", com o qual Clarice Lispector nos acorda para a vida e para o Ser, porque "por enquanto é tempo de morangos".

-----*-----